



ORIGINAL / ORIGINAL / ORIGINAL

Environmental risk factors, prevalence and consequences of falls in the elderly's home

Fatores de risco ambientais, prevalência e consequências de quedas no domicílio de idosos
Factores de riesgo ambiental, prevalencia y consecuencias de caídas en el hogar de ancianos

Edivani Rodrigues dos Santos Gonçalves¹, Ana Carolina Macri Gaspar², Akeisa Dieli Ribeiro Dalla Vechia³, Rosemeiry Capriata de Souza Azevedo⁴, Annelita Almeida Oliveira Reiners⁵

ABSTRACT

Objective: to identify the prevalence of falls, their consequences and the environmental risk factors for falls of elderly residents in the community. **Methodology:** this is a cross-sectional study, with a convenience sample of 120 elderly people registered in a Family Health Strategy team municipality of Cuiabá, Mato Grosso, Brazil. Data collection was carried out through an interview at home with the application of a sociodemographic questionnaire and another on falls and environmental risk factors. Descriptive analysis was performed. **Results:** Most of the elderly were male (73.33%) aged 60-69 years (52.50%). A part of them (16.67%) reported having fallen in the last 12 months and had bruises (94.44%) or abrasions (72.22%). The environmental risk factors for falls found were: absence of non-slip floors in the bathroom (70.00%), absence of lighting in the corridors that connect to the bathroom (50.83%), irregular coverings and loose carpets (27.50%). **Conclusion:** The prevalence of falls was 16.67% and the majority of the elderly had mild consequences. The home environment found had potential risk factors for falls.

Descriptors: Aged. Accidental Falls. Risk Factors.

RESUMO

Objetivo: identificar a prevalência de quedas, suas consequências e os fatores de risco ambientais para quedas de idosos residentes na comunidade. **Metodologia:** estudo transversal, com amostra por conveniência de 120 idosos cadastrados em uma equipe de Estratégia de Saúde da Família do município de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. A coleta de dados se deu por meio de entrevista no domicílio com a aplicação de um questionário sociodemográfico e outro sobre quedas e fatores de risco ambientais. Foi realizada uma análise descritiva. **Resultados:** A maioria dos idosos era do sexo masculino (73,33%), com idade entre 60-69 anos (52,50%). Uma parte deles (16,67%) relatou ter caído nos últimos 12 meses, e entre os que tiveram queda, resultaram em hematomas (94,44%) ou escoriações (72,22%). Os fatores de risco ambientais para quedas encontrados foram: ausência de piso antiderrapante no banheiro (70,00%); ausência de iluminação nos corredores que ligam ao banheiro (50,83%); revestimentos irregulares e tapetes soltos (27,50%). **Conclusão:** A prevalência de quedas foi 16,67%, das quais a maioria dos idosos teve consequências leves. O ambiente domiciliar encontrado apresentava fatores de risco potenciais para quedas.

Descritores: Idoso. Acidentes por Quedas. Fatores de Risco.

RESUMÉN

Objetivo: identificar la prevalencia de caídas, sus consecuencias y los factores de riesgo ambiental para las caídas de los residentes mayores en la comunidad. **Metodología:** estudio transversal, con una muestra de conveniencia de 120 personas mayores registradas en un equipo de Estrategia de Salud Familiar do municipio de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. La recolección de datos se realizó a través de una entrevista en el hogar con la aplicación de un cuestionario sociodemográfico y otro sobre caídas y factores de riesgo ambiental. Se realizó un análisis descriptivo. **Resultados:** La mayoría de los ancianos eran hombres (73,33%) de 60 a 69 años (52,50%). Una parte de ellos (16,67%) informó haber caído en los últimos 12 meses y haber tenido hematomas (94,44%) o abrasiones (72,22%). Los factores de riesgo ambiental para las caídas encontradas fueron: ausencia de pisos antideslizantes en el baño (70,00%), ausencia de iluminación en los pasillos que se conectan al baño (50,83%), revestimientos irregulares y alfombras sueltas (27,50%). **Conclusión:** La prevalencia de caídas fue del 16,67% y la mayoría de los ancianos tuvo consecuencias leves. El entorno del hogar encontrado tenía factores de riesgo potenciales de caídas.

Descriptorios: Anciano. Accidente por Caídas. Factores de Riesgo.

¹Graduação em Enfermagem. Aluna de Iniciação Científica da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: edivani331@gmail.com

²Enfermeira. Professora Assistente do curso de enfermagem. Mestre em Enfermagem. Mestre em enfermagem. Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. E-mail: anacarolinamacri@hotmail.com

³Enfermeira. Professora Interina do curso de enfermagem. Mestre em Enfermagem. Mestre em enfermagem. Universidade do Estado de Mato Grosso, Diamantino, Mato Grosso, Brasil. E-mail: akeisa_drdrv@hotmail.com

⁴Enfermeira. Professora Pós-graduação em enfermagem. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: rosemeiryaprataazevedo@gmail.com

⁵Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Professora Pós-graduação em enfermagem. E-mail: annereiners.ar@gmail.com

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é conhecido como um fenômeno mundial, que acontece de forma rápida e abrupta, principalmente nos países em desenvolvimento como o Brasil⁽¹⁾. No Brasil, o número de pessoas com 60 anos e mais já corresponde a aproximadamente 29,6 milhões⁽²⁾.

Esse aumento do número de idosos na população mundial se dá em decorrência da maior longevidade das pessoas, e isso traz à tona a relevância da discussão de eventos incapacitantes que ocorrem nessa faixa etária, como as quedas. A queda é definida como um movimento não intencional do corpo, um nível inferior à posição inicial, com incapacidade de ser corrigido em tempo hábil, causado por situações multifatoriais que afetam a estabilidade⁽³⁾.

A prevalência de quedas de idosos no Brasil varia entre 10,7% até 53,9%^(4,5), porém, em idosos com idade avançada essa prevalência é maior⁽⁵⁾. A queda é considerada um problema de saúde pública, pois ocasiona sérias consequências para o indivíduo, para a família e a sociedade, dentre esses problemas podemos citar: lesões; hospitalizações; perturbação da mobilidade; medo de cair novamente; restrição da atividade; declínio funcional; institucionalização e até morte⁽⁴⁾. Atualmente, tanto as taxas de mortalidade, quanto de internação por queda em idosos têm aumentado⁽⁶⁾.

A queda é um evento multifatorial e seus determinantes podem ser atribuídos a fatores intrínsecos e extrínsecos, que derivam de aspectos sociais e ambientais. Os fatores intrínsecos são aqueles relacionados às características do indivíduo como sexo, idade e alterações decorrentes do próprio envelhecimento, que se referem às limitações físicas; redução da acuidade visual e auditiva; alteração da marcha e equilíbrio; entre outros. Já os extrínsecos, são aqueles relacionados ao ambiente externo como, por exemplo, iluminação inadequada; pisos escorregadios ou molhados; ausência de corrimãos; mobílias inadequadas e uso de tapetes^(3,7).

Revisão de literatura realizada no ano de 2017 com o objetivo de investigar a prevalência e a circunstância de quedas em idosos, bem como, os fatores associados a elas, se identificou que o domicílio é o principal cenário das quedas entre idosos da comunidade⁽⁴⁾. O domicílio é o local de maior frequência de quedas, pois os idosos costumam passar cerca de 60 a 70% de seu tempo em casa, e além disso é onde realizam a maior parte de suas atividades de vida diária^(5,8). Desse modo, o ambiente domiciliar é visto pelos idosos como um lugar seguro e esse excesso de confiança acaba diminuindo sua atenção de forma a propiciar episódios de quedas⁽⁹⁾.

Estudo realizado com idosos longevos da comunidade identificou que o quarto, sala e cozinha são os principais locais do domicílio onde os idosos caem⁽¹⁰⁾. Em outros estudos o quarto foi o local onde as quedas mais ocorreram, seguido pelo banheiro, quintal e áreas externas^(4,11).

Vários fatores de risco ambientais podem ser facilmente identificados, modificados ou evitados a partir de medidas simples, sendo importantes para a prevenção de novas quedas⁽⁴⁾.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), preconiza o modelo de prevenção de quedas a luz do envelhecimento ativo, ressaltando a importância da abordagem multisetorial baseada em princípios de promoção da saúde e prevenção de doenças. Propõe a implementação de intervenções direcionadas com objetivo de modificar os fatores de risco locais presente no cotidiano dos idosos que aumentam a possibilidade de ocorrência das quedas. Para isso, é crucial melhorar a avaliação dos seus fatores de risco⁽³⁾.

Assim, o presente estudo tem por objetivo analisar a prevalência de quedas, suas consequências e os fatores de risco ambientais para quedas de idosos residentes na comunidade.

METODOLOGIA

Este estudo é um recorte da pesquisa matricial intitulada “Prevenção de quedas em idosos residentes na comunidade” financiado pela CAPES/PROCAD portaria 071/2013 e aprovado pelo comitê de ética sob parecer 1.118.134/ 2015.

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, realizado em uma equipe de Estratégia Saúde da Família (ESF) da região norte do município de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. O município de Cuiabá possui 63 ESF em sua área urbana distribuídas em quatro regiões administrativas, 20 ESF na região Norte, 21 ESF na região Sul, 11 ESF na região Leste e 11 ESF na região Oeste.

A respectiva unidade foi escolhida por estar localizada no bairro com a maior quantidade de idosos do município. Possui em sua área de abrangência uma população de aproximadamente 4.000 mil pessoas, dentre essas, 312 são idosos.

Utilizou-se amostragem por conveniência, sendo incluídas no estudo pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, residentes na área de abrangência da unidade. Foram excluídos do estudo idosos que se encontravam acamados no período da coleta.

Dos idosos cadastrados na unidade 9 foram excluídos por serem acamados; 90 não foram encontrados após duas tentativas de visitas na residência; 57 não residiam no endereço registrado e 36 se recusaram a participar da entrevista. Ao final, a amostra foi composta por 120 idosos.

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora no domicílio dos idosos no período de março a junho de 2018 por meio de entrevista estruturada utilizando questionário sociodemográfico, histórico de quedas e um *checklist* elaborado com itens de fatores de risco ambientais para quedas com base na escala ambiental de risco para quedas⁽¹²⁾.

O *checklist* foi elaborado de modo a se verificar, em cada ambiente do domicílio (quarto do idoso, sala, banheiro, cozinha, etc.), a presença dos fatores de risco mais comuns relatados na literatura^(7,8,9,10,11), o que permitiu o registro daqueles observados durante as visitas.

A participação dos idosos foi condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados foram tabulados pelo programa *Epi Info* versão 7.2 (*Centers for Disease Control and Prevention* - CDC). A análise foi descritiva e os resultados foram apresentados em tabelas com frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS

Participaram do estudo 120 idosos residentes na comunidade, a maioria era do sexo masculino

(73,33%), com idade entre 60-69 anos (52,50%). Em relação ao estado civil 45,00% eram casados/amasiados, 68,34% residiam em casas com 1 a 4 pessoas e quase a metade (45,00%) tinha mais de 11 anos de estudo. Quanto à renda, 067,50 recebiam três salários mínimos (Tabela 1).

A prevalência de quedas nos últimos 12 meses foi de 16,67%. Dos idosos que caíram no último ano, quase totalidade (90,0%) tiveram consequências físicas como hematomas (94,44%) e escoriações (72,22%) (Tabela 2).

Tabela 2- Distribuição dos idosos residentes na comunidade segundo características das quedas(n=120). Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2018.

Variável	N	%
Quedas nos últimos 12 meses		
Sim	020	016,67
Não	100	083,33
Consequências físicas das quedas		
Sim	018	090,00
Não	002	010,00
Tipo de consequência		
Hematomas	017	094,44
Escoriações	013	072,22
Torção/entorses	001	005,55
Fraturas	005	027,77
Nenhuma	102	085,00
Total	120	100,00

Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos fatores de risco ambientais para quedas, os mais frequentes foram ausência de piso antiderrapante no banheiro (70,00%); ausência de iluminação nos corredores que ligam ao banheiro (50,83%); revestimentos irregulares e tapetes soltos (27,50%); armários altos (26,67%); guarda-roupas com cabides inacessíveis (10,83%); interruptores inacessíveis (15,83%) e box do banheiro de difícil abertura (15,00%) (Tabela 3).

Todas as residências avaliadas tinham, pelo menos, um fator de risco ambiental para queda.

DISCUSSÃO

Dos idosos participantes deste estudo 16,67% caíram no último ano. A literatura internacional evidencia uma prevalência de 17,25%⁽¹³⁾, 39,00%⁽¹⁴⁾ e 46,9%⁽¹⁵⁾ (golfo) respectivamente. No Brasil as prevalências variam de 10,7% a 59,3%, como evidenciado em um estudo de revisão⁽⁴⁾.

Observa-se que a prevalência encontrada é menor do que a identificada em uma pesquisa realizada na mesma cidade no ano de 2017, cuja prevalência de quedas encontrada foi de 38,6%⁽¹⁶⁾. Em relação a isso, autores apontam que a ocorrência de quedas entre idosos da comunidade pode variar muito devido a utilização de diferentes métodos na coleta de dados^(4,11).

Além disso, a prevalência de quedas encontrada nesse estudo, pode ser justificada pelo grau de instrução dos idosos entrevistados. A maioria possui alta escolaridade e essa característica pode atuar como um fator protetor para esta população, pois as quedas estão associadas à baixa escolaridade⁽¹⁷⁾. Idosos com maior instrução possuem maior percepção de risco, compreendem melhor informações de prevenção e, conseqüentemente, cuidam mais do

ambiente domiciliar, apresentando menores fatores de risco⁽¹⁸⁾. Isso se tornou evidente ao se identificar neste estudo uma menor média de fatores de risco do que em outras pesquisas^(8,18).

Praticamente todos os idosos que caíram tiveram consequências, principalmente hematomas e escoriações. Normalmente a maioria dos estudos identificam fraturas como principal consequência das quedas⁽³⁻⁵⁾. O dado é interessante uma vez que são situações que não levam o idoso a necessitar de cuidados especializados, hospitalização ou risco de dependência. No entanto, são situações que precisam ser avaliadas por profissionais de saúde para promoção de cuidados adequados e orientações, o que pode auxiliar na prevenção da ocorrência de novas quedas, já que a literatura aponta que muitos idosos possuem medo de cair novamente após sofrer uma queda⁽³⁾.

Os fatores de risco ambientais para quedas identificados nesse estudo estão de acordo com a literatura, tais como ausência de piso antiderrapante no banheiro^(8,19) e de sentinelas nos corredores que ligam ao banheiro^(7,11); revestimentos irregulares^(11,20); tapetes soltos^(10,11); armários altos⁽²¹⁾; guarda-roupas com cabides inacessíveis⁽²⁰⁾ e interruptores inacessíveis^(7,10). Diante disso, observou-se que o local com maior quantidade de fatores de risco é o banheiro, como também identificado em outros estudos^(7,9,18,20).

O idoso durante o processo de envelhecimento apresenta alterações na marcha, como por exemplo, dificuldade em levantar totalmente os pés do chão e arrastá-los, além de redução da força muscular e equilíbrio⁽²²⁾. Tais alterações dificultam ainda mais o idoso a manter-se em pé quando deambula em pisos inadequados ou com presença de tapetes.

Estudo de revisão sistemática da literatura realizado para identificar os fatores ambientais de quedas em idosos da comunidade encontrou nos resultados que tais fatores correspondem a 20% dos

58% das quedas. Além disso, concluiu que as superfícies irregulares, molhadas ou escorregadias, objetos e tapetes soltos no chão são os fatores de risco mais prevalentes⁽¹¹⁾.

Tabela 3- Fatores de risco ambientais para quedas no domicílio de idosos residentes na comunidade(n=120). Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2018.

Variável	n	%
Iluminação suficiente no ambiente interno		
Sim	109	090,83
Não	011	009,17
Iluminação suficiente no ambiente externo		
Sim	110	091,67
Não	010	008,33
Presença de luminária nos corredores/banheiro		
Sim	059	049,17
Não	061	050,83
Revestimentos regulares, tapetes presos		
Sim	087	072,50
Não	033	027,50
Armários baixos		
Sim	088	073,33
Não	032	026,67
Guarda-roupa com cabides acessíveis		
Sim	107	089,17
Não	013	010,83
Interruptores acessíveis		
Sim	101	084,17
Não	019	015,83
Lavabo acessível e bem fixo		
Sim	110	091,67
Não	010	008,33
Box de fácil abertura		
Sim	102	085,00
Não	018	015,00
Presença de cadeira para se vestir		
Sim	114	095,00
Não	006	005,00
Presença de piso antiderrapante no banheiro		
Sim	036	030,00
Não	084	070,00
Altura da cama adequada (>45 cm)		
Sim	110	091,67
Não	010	008,33
Pia da cozinha sem vazamento		
Sim	108	090,00
Não	012	010,00
Escada com presença de revestimento antiderrapante		
Sim	112	093,33
Não	008	006,67
Escada com corrimão bilateral		
Sim	112	093,33
Não	008	006,67
Escada com degraus regulares		
Sim	112	093,33
Não	008	006,67
Total	120	100,00

Fonte: Elaboração própria.

Além disso, a ausência de iluminação adequada se constitui um importante risco, não só para idosos, pois caminhar em ambiente escuro contribui para ocorrência de uma queda. Essa realidade ainda é potencializada no idoso, por este apresentar alterações sensoriais como a diminuição da acuidade

visual⁽²³⁾, por isso visualizar desnivelamento dos pisos ou presença de objetos pelo chão se torna ainda mais difícil, ainda mais em ambiente com pouca iluminação, o que agrava sua vulnerabilidade às quedas.

A presença de um mobiliário doméstico inadequado, mal posicionado ou inacessível também faz com que os idosos adotem hábitos perigosos, como subir em bancos ou escadas para alcançar estes objetos, o que aumenta o risco de queda^(3,4).

Sabe-se que o ambiente doméstico desempenha um papel central na autonomia, inclusão social e bem-estar no envelhecimento da população, e o reconhecimento dos fatores de risco pode auxiliar na formulação de medidas preventivas⁽¹⁾. Muitas vezes é possível a realização de modificações e reparos domésticos simples e de baixo custo como, por exemplo, a retirada de tapetes.

Apesar da quantidade média de fatores de riscos identificados serem menores do que evidenciada na literatura, todas as residências apresentaram riscos ambientais, o que explica a ocorrência desse fenômeno no ambiente domiciliar.

Diante disso, é fundamental manter os espaços nos quais os idosos passam a maior parte do seu tempo o mais seguro possível, para assim, prevenir a ocorrência das quedas. Talvez alguns fatores de risco, como por exemplo, utilizar tapetes, subir em banquinhos, ou outros, possam ser considerados hábitos culturais e que muitas vezes são difíceis de serem modificados, porém, devem ser identificados e posteriormente corrigidos.

Nesse sentido, o papel do enfermeiro é fundamental, tanto na avaliação do risco de quedas, quanto na implementação de ações de prevenção, como por exemplo, orientações aos idosos. Visto que, ele é o profissional central das unidades básicas de saúde e a população que mais procura por cuidado nessas unidades são os idosos. Consequentemente, ações efetivas podem ser desenvolvidas para que o risco de queda seja minimizado.

Além disso, os resultados desse estudo mostram a importância da realização da visita domiciliar pela equipe da atenção básica, pois isso garante conhecer o ambiente em que o idoso vive, identifica os potenciais riscos para quedas e, consequentemente, oferece estratégias que possam minimizar ou prevenir esses riscos.

Esse estudo possui limitações por ser realizado com uma amostra de conveniência em que não permite que todos os indivíduos tenham a mesma chance de participar do estudo e, essa característica, limita o poder de inferência dos resultados. Outra limitação é em relação às características da amostra encontrada, são idosos que residem em um bairro considerado de situação econômica favorável e esse fator pode ser importante quando avaliamos o risco ambiental de quedas, uma vez que, em moradias com melhores instalações, consequentemente, apresentam menor risco para as quedas, logo pode ser que os resultados encontrados (quantidade média de fatores de risco menor) podem não ser uma realidade de idosos com outras características. Outra limitação é a ausência de investigação de outras consequências das quedas, tais como medo de cair. Contudo, a temática abordada é relevante, considerando o envelhecimento populacional e a alta ocorrência de quedas em idosos.

CONCLUSÃO

A prevalência de quedas foi de 16,67%, contudo, praticamente todos os idosos que caíram sofreram consequências. Os principais fatores de risco ambientais presentes foram: ausência de piso antiderrapante; ausência de sentinelas nos corredores que liga ao banheiro; revestimento irregular e tapetes soltos; *box* do banheiro de difícil abertura e armários altos. O ambiente com maior presença de fatores de risco identificado foi o banheiro, e dentre as residências analisadas todas possuíam, ao menos, um fator de risco para quedas.

Esses achados são importantes para nortear as ações para prevenção das quedas em idosos, pois poderão ser planejadas de acordo com as características específicas encontradas e, consequentemente, tornarão medidas mais eficazes. Assim como ressalta a importância da avaliação do risco de quedas pelo profissional de saúde, principalmente na atenção primária, uma vez que ele tem acesso direto ao domicílio dos idosos, o que favorece a identificação dos fatores de risco ambientais para posteriormente intervir.

Salienta-se que ainda há a necessidade da continuidade de estudos sobre esta temática, levando em consideração os riscos que os idosos estão expostos em seu ambiente domiciliar e o crescente aumento desta população.

REFERÊNCIAS

1. Organização das Nações Unidas. World Population Ageing 2019. ONU; 2019 [Citado 2020 May 25]. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/files/documents/2020/Jan/un_2019_worldpopulationageing_report.pdf
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Agência IBGE notícias. PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões [Internet]. 2017 [Citado 2020 May 25]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes.html>
3. Organização Mundial de Saúde. Relatório Global da OMS sobre Prevenção de Quedas na velhice. São Paulo: OMS, 2010.
4. Leitão SM, Oliveira SC, Rolim LR, Carvalho RP, Coelho Filho JM, Peixoto Junior AA. Epidemiologia das quedas entre idosos no Brasil: uma revisão integrativa de literatura. Geriatr Gerontol Aging [Internet]. 2018 [Citado 2020 May 25];12(3):172-9. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328659785_Epidemiologia_das_quedas_entre_idosos_no_Brasil_uma_revisao_integrativa_de_literatura
5. Gullich I, Cordova DDP. Quedas em idosos: estudo de base populacional. Rev Soc Bras Clin Med [internet]. 2017 out-dez [Citado 25 May 2020];15(4): 230-4. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/877065/154230-234.pdf>
6. Abreu DROM, Novaes ES, Oliveira RR, Mathias TAF, Marcon SS. Fall-related admission and mortality in older adults in Brazil: trend analysis.

Ciênc. Saúde Colet [Internet]. 2018 apr [Citado 25 May 2020]; 23(4): 1131-41. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.09962016>

7. Pereira SG, Santos CB, Doring M, Portella MR. Prevalence of household falls in long-lived adults and association with extrinsic factors. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. 2017 [Citado 26 May 2020];25:e2900. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1646.2900>

8 Borges PS, Marinho Filho LEN, Mascarenhas CHM. Correlation between balance and home environment to risk of falls of elderly with stroke. Rev Bras Geriatr Gerontol [Internet]. 2010 [Citado 26 May 2020];13(1):41-50. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000100005>

9 Mortazavi H, Tabatabaeichehr M, Taherpour M, Masoumi M. Relationship between home safety and prevalence of falls and fear of falling among elderly people: a cross-sectional study. Mater Sociomed [Internet]. 2018 jun [Citado 27 May 2020];30(2): 103-7. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5455%2Fmsm.2018.30.103-107>

10 Carmo JR, Cruz MEA, Silva DVA, Pereira FAF, Gusmão ROM, Araújo DD. Quedas em pacientes da atenção domiciliar: prevalência e fatores associados. REME - Rev Min Enferm. 2020 [Citado 27 May 2020];24:e-1286. Disponível em: DOI: 10.5935/1415-2762.20200015

11 Oliveira AS, Trevizan PF, Bestetti MLT, Melo RC. Environmental hazards and risk of fall in the elderly: systematic review. Rev Bras Geriatr Gerontol [Internet]. 2014 [Citado 28 May 2020]; 17(3):637-45. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.1308>

12 Moraes EN. Protocolo de avaliação multidimensional do idoso. In: Morais EM, organizador. Princípios Básicos de Geriatria e Gerontologia. Belo Horizonte/MG: Coopmed; 2008. p. 157-88.

13 Rao WW et al. Worldwide prevalence of falls in older adults with psychiatric disorders: A meta-analysis of observational studies. Psychiatry Res [Internet]. 2019 [Citado 28 May 2020]; 273: 114-20. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.165>

14 Ho P, Bulsara M, Downs J, Patman S, Bulsara C, Hill AM. Incidence and prevalence of falls in adults with intellectual disability living in the community: a systematic review. JBI Database System Rev Implement Rep [Internet]. 2019 [Citado 28 May 2020]; 17(3): 390-413. Disponível em: 10.11124/JBISRIR-2017-003798

15 Algahtani BA, Alshehri MM, Hoover JC, Alenazi AM. Prevalence of falls among older adults in the Gulf Cooperation Council countries: A systematic review and meta-analysis. Arch Gerontol Geriatr [Internet]. 2019. [Citado 28 May 2020]; 83: 169-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2019.04.006>

16 Moraes SA, Soares WJS, Lustosa LP, Bilton TL, Ferrioli E, Perracini MR. Características das quedas em idosos que vivem na comunidade: estudo de base populacional. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. [Internet].

2017 [Citado 28 May 2020]; 20(5): 693-704. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbgb/v20n5/pt_1809-9823-rbgb-20-05-00691.pdf

17 Abreu DROM, Azevedo RCS, Silva AMC, Reiners AAO, Abreu HCA. Factors associated with recurrent falls in a cohort of older adults. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2016 [Citado 29 May 2020];21 (11): 3439-46. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152111.21512015>

18 Chehuen Neto JA, Braga NAC, Brum IV, Gomes GF, Tavares PL, Silva RTC et al. Awareness about falls and elderly people's exposure to household risk factors. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2018 [Citado 29 May 2020]; 23(4):1097-104. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.09252016>

19 Moura SRB, Vieira JPPN, Santos AMR, Mesquita GV, Ribeiro JLV. Percepção de idosos sobre o risco de queda. Rev Interdisciplinar [Internet]. 2017 [Citado 29 May 2020];10 (4): 1-13. Disponível em: https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1291/pdf_214

20 Kylén, M., Ekström H, Haak M, Elmstahl S, Iwarsson S. Home and health in the third age: methodological background and descriptive findings. Int. J. Environ. Res. Public Health [Internet]. 2014 [Citado 29 May 2020];11: 7060-80. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph110707060>

21 Antunes MJFS, Nogueira MF, Alexandrino A, Macêdo GGC, Costa ARA, Nunes WB. Risk assessment of falls in the elderly assisted in the Family Health Strategy. Rev Rene [Internet]. 2018 [Citado 25 May 2020];19:e32713. Disponível em: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20181932713>

22 Henry M, Baudry S. Age-related changes in leg proprioception: implications for postural control. J Neurophysiol [Internet]. 2019 aug [Citado 25 May 2020]; 1;122(2):525-38. Disponível em: 10.1152/jn.00067.2019

23 Silva MHF, Fonseca GV, Hallaruthes GAG, Menezes HFN, Dutra IMM, Assunção IP et al. Research of risk factors for falls in the elderly population of a basic unit of of Itaúna- MG. Rev Med Minas Gerais [Internet]. 2018 [Citado 25 May 2020]; 28: e-1938. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20180028>

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2020/05/26

Accepted: 2020/06/03

Publishing: 2020/09/03

Corresponding Address

Ana Carolina Macri Gaspar Vendramini

Endereço: BR 364, Km 7, Jardim Aeroporto - CEP: 78300-000 - Tangará da Serra, Mato Grosso

Telefone: (65) 33114939

E-mail: anacarolinamacri@hotmail.com

Universidade do Estado de Mato Grosso.

Como citar este artigo (Vancouver):

Gonçalves ERS, Gaspar ACM, Vechia ADRD, Azevedo RCS, Reiners AAO. Fatores de risco ambientais, prevalência e consequências de quedas no domicílio de idosos. Rev Enferm UFPI [Internet] 2020 [acesso em: dia mês abreviado ano];9:e10458. DOI: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v9i0.10458>

